

AS GEOGRAFIAS DAS CONSTITUIÇÕES DOS DEVIRES- EXPRESSIVOS DAS PESSOAS COMO DIFERENÇAS: PERSPECTIVAS DA ANÁLISE NAS PESQUISAS EM MICROTERRITORIALIDADES

Benhur Pinós da Costa

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul

benpinos@gmail.com

Resumo: As microterritorialidades urbanas podem ser entendidas como formas e conteúdos definidos pela especificidade de relações calcadas nas identidades dos sujeitos sociais. Por outro lado, as pesquisas, produzidas nos espaços de encontros de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, apontam para a constituição de relações, localizadas no espaço urbano, definidas pela convergência de expressões e apresentações múltiplas de pessoas e suas homoafetividades. Proponho, assim, um afastamento do entendimento sobre microterritorialidades calcado no compartilhamento de identidades comuns dos sujeitos sociais. As microterritorialidades acontecem por fazerem reunir as diferenças das variadas pessoas que se encontram no espaço e no tempo efêmero. As efemeridades dos encontros das diferenças possibilitam a criação de variabilidades de devires-expressivos. As microterritorialidades, então, são produtoras destes processos de diferenciação (dos sujeitos sociais e/ou pessoas). Para exemplificar isso, discuto esta teoria abordando os encontros que se tecem nas microterritorializações homoeróticas dos postos 8 e 9 da Praia de Ipanema, do Parque Garota de Ipanema e Pedra do Arpoador na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: microterritorialidades, homoafetividades, devires-expressivos, diferença, Ipanema.

THE GEOGRAPHS OF THE CONSTITUTIONS OF PEOPLES'S EXPRESSIVES-BECOMINGS AS DIFFERENCES: PERSPECTIVES OF THE ANALYSIS IN MICROTERRITORIALITY

Abstract: Urban microterritorialities can be understood as forms and contents defined by the specificity of relationships based on the identities of social subjects. On the other hand, the research, produced in the meeting spaces of sexually oriented subjects for the same sex, points to the constitution of relationships, located in the urban space, defined by the convergence of expressions and multiple presentations of people and their homoaffectivities. We propose, therefore, a departure from the understanding of microterritorialities based on the sharing of common identities of social subjects. The microterritorialities happen by bringing together the differences of the various people who are in space and ephemeral time. The ephemerality of the encounters of differences enable the creation of becoming-expressive variability. The microterritorialities, then, are producers of these differentiation processes (of the social subjects and / or people). To illustrate this, we discuss this theory by addressing the encounters that take place in the homoerotic microterritorializations of posts 8 and 9 of Ipanema Beach, Girl of Ipanema Park and Pedra do Arpoador in the southern zone of Rio de Janeiro

Keywords: microterritorialities, homoaffectivities, expressive-becomings, difference, Ipanema.

LES GÉOGRAPHES DES CONSTITUTIONS DES DEVENIR- EXPRESSIVES DES GENS COMME DIFFÉRENCES: PERSPECTIVES

DE L'ANALYSE DE LA RECHERCHE SUR LA MICROTERRITORIALITÉ

Resumé: Les microterritorialités urbaines peuvent être comprises comme des formes et des contenus définis par la spécificité des relations basées sur l'identité des sujets sociaux. En revanche, les recherches, produites dans les espaces de rencontres d'individus sexuellement orientés pour le même sexe, pointent vers la constitution de relations, localisées dans l'espace urbain, définies par la convergence des expressions et des présentations multiples des personnes et de leurs homo-affectifs. Ainsi, nous proposons une rupture avec la compréhension des microterritorialités basée sur le partage des identités communes des sujets sociaux. Les microterritorialités se produisent parce qu'elles rassemblent les différences des personnes variées qui sont dans l'espace et le temps éphémère. L'éphéméralité des rencontres de différences permet de créer de la variabilité dans le devenir-expressif. Les microterritorialités sont, donc, productrices de ces processus de différenciation (des sujets sociaux et/ou des personnes). Pour illustrer cela, nous discutons de cette théorie en abordant les rencontres qui sont tissées dans les microterritorialisations homoérotiques des stations 8 et 9 sur la plage d'Ipanema, le parc Garota de Ipanema et Pedra do Arpoador dans le sud de la ville de Rio de Janeiro.

Mots-clés: microterritorialités, homoaffectivités, devenir-expressif, différence, Ipanema.

Introdução

No texto publicado anteriormente, em Costa (2017), me preocupava em explicar as microterritorialidades relacionando este conceito aos de “forma” e de “conteúdo”. Neste texto mantive a equação de que forma estava mais para microterritorializações e microterritorialidades mais para conteúdos. As formas se estabelecem pelos “apinhamentos” (localizações) dos corpos em atividades de interações coletivas: seriam as formas de se mostrar que compunham a “silhueta” de uma pretensa homogeneidade (da materialidade estética dos corpos, dos motivos de interação e das supostas relações de identidade partilhadas). Despertou-me a dificuldade e o desafio de entender o aspecto do conteúdo ou as relações de microterritorialidades existentes no espaço urbano, só que, por outro lado, tendo em vista as microterritorialidades homoeróticas que estudo, me incomodava, mesmo nos meus trabalhos, as identificações rasas das supostas igualdades corpóreas partilhadas nos pequenos territórios relacionais.

Por um lado, sei que existem microterritorializações homoeróticas cujas razões das condições interseccionais (CRENSHAW, 2002) das pessoas presentes implicam menos diferenças do que outra, denotando uma forte identidade coletiva e uma maior seleção (fechamento) a outros tantos que vêm participar. Em certos estabelecimentos comerciais de diversão e em determinadas apropriações coletivas homoafetivas no espaço público, ocorrem às tendências das visibilidades de determinadas práticas e determinadas apresentações estéticas dos corpos em situação, que seleciona, pela maioria, determinados

sujeitos que possam estar presentes e outros que não (a seleção se estabelece mais pelo desconforto da diferença – diferença no rol das diversidades de relações sociais LGBTs).

Por outro lado, muitas de minhas pesquisas, principalmente, aquelas em que se debruçaram sobre o entendimento dos lugares de “pegação” homoerótica (COSTA, 2014), definiam algumas microterritorializações, em espaços públicos, organizadas pela diversidade de sujeitos, cujos elementos relacionais que produziam as “ligas” das presenças coletivas, no pequeno espaço apropriado, eram somente os desejos sobre as práticas sexuais orientadas para o mesmo sexo. Em algumas microterritorializações, como em banheiros públicos e partes dos espaços de parques, praças e praias, os desejos homoeróticos eram compartilhados por um alto grau de diferenças pessoais: diferentes etnias e de racialidades, diferentes sujeitos de diferentes segmentos sociais, diferentes idades e vínculos socioeconômicos, diferentes apresentações de corpo relacionadas tanto mais para a marcação de modelos binários de gênero quanto ao afastamento destes padrões.

Para estes dois vieses, temos algumas ideias para se pensar:

1) para aquelas microterritorializações cujos corpos (o espaço em si, ou seja, a especificidade das relações socioespaciais de um grupo de pessoas – lembremos com isso a ideia de Massey (2009): o espaço são as relações sociais em constante transformações) apresentam a visibilidade de uma homogeneidade identitária, temos um território mais marcado? Tal território sobrepõe-se à identidade ou a reforça? Essa identidade limita a multiplicidade de formas de devir dos sujeitos sociais ou permite exatamente o devir (que devir é esse)? Para tais situações a pessoa é suprimida em prol de uma forma que representa a maioria que designa o coletivo da microterritorialização? Nestes casos, posso dizer que temos uma preponderância da forma (coletivo de corpos em apresentação e expressão unificada) sobre o conteúdo? Ou o conteúdo (perspectiva de identidade que se apresenta como motor da unificação) é o “fermento” do fechamento e amplia a visibilidade da forma?

2) para aquelas microterritorializações cujas formas são quase invisíveis, mas as relações se abrem a uma evidência da diferença, que partilham diferentes jogos sexuais relacionados aos desejos para o mesmo sexo, como no caso dos lugares de “pegação”, a microterritorialização é apagada pela invisibilidade da forma, pelas desigualdades dos corpos, pelas interações e maneiras de comunicações sutis. Tanto a forma (microterritorialização) como a identidade (microterritorialidade, como feição de identidade) é fraca neste pequeno espaço apropriado? Há nisso uma preponderância da

territorialização da pessoa “desterritorializada” do espaço social hegemônico? Há mais “desterritorialização” nas relações corporais estabelecidas do que territorialização (no primeiro exemplo há mais territorialização)? Tal pequeno espaço é mais rico em virtude da infinidade de devires que ele poderá agregar, em uma multiplicidade de motivos e expressões que só tendem crescer? Aqui a desterritorialização efetiva é condição de uma libertação individual das identidades totalitárias e, assim, mais rica de experiências do que se pensa? Como é o corpo aqui e acolá? Mais ou menos vítima dos agenciamentos coletivos e máquinas de identidade que suprimem a liberdade de experimento da pessoa? Quais amarras as microterritorialidades efetivam nas pessoas? Há a necessidade de representar (maior ou menor que a primeira situação)? As representações definem rigidamente as práticas e expressões das pessoas ou permitem devires mais diversos e as variabilidades de experimentações (aqui menos ou mais que a primeira situação)?

Embora todas estas perguntas ainda persistam, o problema central é a questão das formas e dos conteúdos. As formas microterritoriais na cidade apontam para a convergência de sujeitos para determinado espaço atraídos para certas condições específicas de relações sociais ou determinados desejos para as trocas interpessoais. As motivações para estas práticas pessoais de convergências em um espaço específico de trocas coletivas são movimentadas pelos saberes sociais. As pessoas descobrem, em face de suas interações sociais diversas, os atributos e os acontecimentos em determinadas partes do espaço da cidade. Aí se revelam as microterritorialidades, que indicam as vontades de convergirem das pessoas, motivadas pelas emergências de desejos de relações interpessoais, e as representações sociais das relações interpessoais contidas em cada microterritorialização (corpos em reunião e em práticas interpessoais que singularizam partes do espaço urbano). As representações sociais (MOSCOVICI, 2003) referem-se a um conjunto de conhecimentos compartilhados no tempo sobre determinada coisa ou evento (evento que recaem às pessoas e também às determinadas coletividades, ou determinadas práticas sociais, ou determinados espaços nas quais estas práticas sociais são estabelecidas, ou determinadas pessoas que estão lá para compartilhá-las).

Dessa forma, as representações sociais sobre as vontades sexuais de se relacionar sexualmente com outra pessoa do mesmo sexo produzem a identidade homossexual dos sujeitos, que, por si só, de acordo com Weeks (1999) e Costa (1992), já é um complicador em virtude das próprias relações entre as pessoas e as significações dadas por elas mesmas e pelos outros sujeitos das representações sociais de suas vontades coletadas da história

social. Existem problemas nas construções das representações sobre “a identidade homossexual”, que perpassam os problemas das construções “das identidades de gênero” e das definições “de sexo” e “de sexualidade” (BUTLER, 2010). Pois bem, não irei me deter na complexidade desta problemática, mas quero dizer que na minha trajetória de pesquisa e os intuitos deste texto concentram-se na análise das apropriações espaciais de homens que se relacionam sexualmente com outros homens, na sua grande maioria cisgêneros (ora afirmando esta condição, ora devindo sutilmente para formas de expressão mais femininas) e que, muitos deles, não necessariamente afirmam-se como gays.

Assim, temos as pessoas que são homens cisgêneros que mantêm as vontades de se relacionarem sexualmente com outros homens e conhecem – pelas significações produzidas pelas atividades coletivas que representam as pessoas, os lugares e as atividades interpessoais estabelecidas nos lugares – os pequenos espaços nas quais poderão encontrar outros homens para atividades afetivo-sexuais. Mas aí, novamente, temos os problemas das formas e dos conteúdos, que são problemas de microterritórios e microterritorialidades. Quanto às formas, temos as microterritorializações cujas frequências são mais sutis (quase imperceptíveis para outros transeuntes), como os locais de “pegação” em praças, parques e outros objetos urbanos (como banheiros públicos e shoppings); e outras cujo “apinhamento” de corpos tornam visíveis e mais representáveis socialmente os espaços apropriados. Para as primeiras temos um afrouxamento sobre a representação/definição das identidades dos sujeitos que ali estão presentes (as construções de representações sobre o si e sobre os outros não são evidentes socialmente e perpassam diretamente e somente relações interpessoais face a face); para as outras, em virtude da visibilidade social que o apinhamento de corpos e suas expressões específicas produzem, a representação das identidades dos sujeitos são mais fortes. Os sujeitos aqui se transformam na própria forma, e são identificados por ela, e pela identidade produzida e representada socialmente pela visibilidade estabelecida nas relações de microterritorialidade: são relações mais sociais do que pessoais.

As diferentes condições das microterritorialidades homoeróticas da região dos Postos 8 e 9 (Praia de Ipanema) e do Parque Garota de Ipanema na zona sul da cidade do Rio de Janeiro

Quanto aos conteúdos temos os problemas das especificidades dos sujeitos em interações. Nos contextos microterritoriais há mais diferenças ou mais semelhanças? Como se estabelecem os processos que identificam as pessoas (mais fracos ou mais fortes)? Pego como exemplo duas formas de microterritorializações de relações interpessoais de sujeitos homens que se relacionam sexualmente com outros homens, maioria cisgêneros. Nossos casos refletem as observações estabelecidas em dois espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, que são conhecidas socialmente, pela população local e pelos turistas, como espaços de convergências de homens que se relacionam afetivos e sexualmente com outros homens: a extensão de praia entre os postos 8 e 9 da praia de Ipanema e a região entre a Pedra do Arpoador e parque Garota de Ipanema. O primeiro espaço representa uma microterritorialização de forte frequência e apinhamento de homens gays cujo espaço apropriado é fortemente visível para demais pessoas e grupos. O segundo espaço são lugares de paqueras e de “pegações” entre homens nas quais estas atividades interpessoais se dão de formas muito camufladas e sutis.

Aí temos um problema de microterritorialidade: para os Postos 8/9, recai-se todo um conjunto de representações sobre as identidades das pessoas que ali estão, que configura um forte esquema de totalização da identidade na/da microterritorialização. O social está mais evidente porque age como fator preponderante de significação das relações de identidade. Por outro lado, as pessoas que ali estão também são mais atingidas por fatores que forçam determinadas identificações, quanto às formas de representação dos corpos, quantos suas práticas e expressões movimentadas e quanto às interações interpessoais. As relações de microterritorialidades são mais fortes do coletivo para o individual, ou seja, apresentam um forte apego social tanto daqueles que externamente observam a microterritorialização quanto às atividades coletivas internas, que produzem processos de identificação mestras que convergem à totalização ou ao estabelecimento de uma “cultura” que determina os corpos presentes. A forte microterritorialidade acaba, assim, por cristalizar mais fortemente a identidade, no qual a visibilidade social é o impacto preponderante à conformação dos corpos e individualidades.

Por outro lado, para a região da Pedra do Arpoador e do parque Garota de Ipanema ocorre uma preponderância do individual sobre o coletivo. Penso que as significações contidas nas atividades de representações sociais recaem diretamente sobre as personalidades, assim demonstra Foucault (1988), no sentido da disciplina da identidade que organiza o social entre diferentes formas de normalidade e seus desvios. Por outro lado,

essas personalidades atacadas pelas representações sociais organizam devires de ressignificações do desvio e dão outras conotações àqueles fatores disciplinares identitários e, no decorrer dos fatos históricos, produzem atividades de reconhecimento social (HONNETH, 2003). O reconhecimento social das identidades estigmatizadas já representa como processo inerente à construção da sociedade, ou seja, converge a ela como esfera de reconhecimento do próprio desvio produzido socialmente. Assim, as visibilidades de microterritorialidades, como as dos Postos 8/9, são relações coletivas muito mais definidas pelas relações sociais do que pelas pessoas que estão ali: suas personalidades são abarcadas pelo social – atividades de representações das identidades definidas externamente (pelas representações partilhadas pela cidade), como internamente (as trocas e as representações produzidas e transformadas pelas pessoas que estão ali em interação).

Assim sendo, quando temos processos de microterritorializações cujas personalidades estão mais preponderantes do que a coletividade, como é o caso das relações da paquera e da “pegação” no parque Garota de Ipanema e Pedra do Arpoador, as práticas das diferenças são muito mais fortes e as relações de identidade estão condicionadas ao que as pessoas trazem como expressões das suas individualidades às interações que se dão. As condições de microterritorialidades se abrem as multiplicidades e a microterritorialização se produz como um espaço de contrapontos de personalidades que se afastam e se atraem constantemente. Não há como o social controlar pela representação da coletividade, pois a microterritorialidade se estabelece como um platô (DELEUZE e GUATTARI, 2012a) cujas individualidades se reconstroem constantemente pelas marcações de suas vontades, mas, também, por como elas são refletidas nos outros pelas marcações das diferenças.

A microterritorialidade como platô acolhe uma multiplicidade de devires das pessoas que produzem suas sutis relações interpessoais. Devires de chegada (intencionalidades prévias), quando a vontade movimenta a pessoa às práticas afetivo-sexuais, se microterritorializando; e devires de momento, quando as relações interpessoais ali estabelecidas transformam as vontades dos devires de chegada; e devires de saída, quando as ocorrências produzidas na relação de multiplicidades instáveis do platô agenciam transformações às próprias personalidades. Estes processos também se estabelecem nas formas e conteúdos microterritoriais como os dos Postos 8/9, porém lá, as personalidades estão servindo mais como condições atribuídas ao coletivo e ao social, assim como as barreiras para os devires pessoais instáveis estão mais regrados pela coletividade. Isso torna mais forte a microterritorialização como um platô cujos agenciamentos coletivos são mais

fortes em prol da marcação de formas mais homogêneas de expressões dos corpos. Há, sim, formas de desterritorializações que “abrem” o platô microterritorial à multiplicidade, mas as forças de territorialização de perspectivas coletivas, ao contrário, são mais fortes. Em uma situação como a do parque Garota de Ipanema, as diferenças das personalidades são fortes. Isso cria diferentes agenciamentos também, mas em prol de desterritorializações para as multiplicidades, estando o espaço relacional funcionando como elemento que marca a pessoa e não o coletivo. Para tanto, as transgressões sociais estão mais desamarradas das condições disciplinares coletivas das representações de identidade. Elas só poderão agir em termos das diferenças que as personalidades trazem ao platô microterritorial, podendo reforçar determinadas normatividades de corpo, porém, não há a força de uma disciplina de grupo que, mesmo pelo reconhecimento de uma transgressão social, normatiza os corpos para determinados vieses expressivos.

Tendo em vista estas diferentes indagações, irei discutir algumas ideias trazidas pelos autores Deleuze e Guattari para entender estas situações de microterritorialidades homoeróticas. Nosso foco de análise será a questão da multiplicidade de personalidades existente na microterritorialização do parque Garota de Ipanema e Pedra do Arpoador no Rio de Janeiro, procurando entender diferentes perspectivas de análise dos microterritórios no espaço social da cidade. Vejam que o que nos estimula a discussão é a diferença entre estas duas microterritorializações, no espaço público urbano, de homens cisgêneros orientados sexualmente para outros homens cisgêneros, que se produzem em curta distância na orla da praia de Ipanema e Arpoador na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

A microterritorialização dos Postos 8/9 é condição da visibilidade social das relações homoafetivas destes homens e, por isso, implicam a construção das partilhas de formas identitárias que se concentram no culto à masculinidade do corpo (homens musculosos), mas o afrouxamento do binarismo das expressões e gestos binários de gênero (há múltiplas transgressões às condições binárias de gênero nas formas de se relacionarem, a partir dos gestos e das posturas corporais). Por outro lado, existe a tendência à concentração dos corpos dos homens brancos e jovens, como condição de interseccionalidade hegemônica e formas de autopromoções pessoais durante as inter-relações discursivas, que apontam para melhores capacidades de consumo, o que sugere a preponderância de frequência homens de classe média, média alta e alta, principalmente pela ocorrência de muitos turistas que não residem na cidade e possuem a capacidade de viajarem e pagarem por hospedagens numa cidade cara, como o Rio de Janeiro. Por outro

lado, a microterritorialização entre os postos 8/9 apresenta-se como um nó de conexões de outras microterritorialidades destes homens, que ligam estabelecimentos comerciais diurnos e noturnos cujos valores de ingresso e de consumo locais são altos (boates e bares da moda carioca, nacional e internacional). Existe, assim, certa homogeneidade neste aspecto de visibilidade social, que transforma o estigma da homossexualidade no valor coletivo do consumo afetivo-sexual do corpo (masculinos, mais próximos aos modelos daqueles catálogos de moda) reificado (atrativo à sagacidade e a rapidez de saciar desejos) e das capacidades que este corpo tem de se inserir nos circuitos de alto valor capitalista da sociedade de consumo de diversão (homoerótica). Assim, observo que o social é preponderante ao pessoal e que a homogeneidade configura maior singularidade territorial que identifica todos os presentes.

Por outro lado, a condição da microterritorialidade do Parque Garota de Ipanema é da diferença de homens que circulam em busca de alguma experiência afetivo-sexual. Há diferentes racialidades, diferentes faixas etárias e diferentes níveis socioeconômicos (desde o mendigo e morador de rua, até o homem branco jovem de classe média que adentra as áreas florestadas para saciar algum desejo homoerótico).

Observo as sutilezas da circulação destes homens, diferente da extravagância da visibilidade na região dos postos 8/9. No parque, as sutilezas sugerem camuflar os aspectos de frequências sexuais homoeróticas, porém, nos esconderijos por entre as matas, as atividades sexuais diversas são mais explícitas do que nos postos 8/9 (realmente os contatos sexuais se estabelecem, o que não acontece nos postos 8/9, por isso o Parque Garota de Ipanema é visto como espaço de maior “promiscuidade” para quem está nos Postos 8/9).

Há uma diversidade de atos efêmeros que não se repetem e apontam para as multiplicidades de personalidades em trânsitos unidas por este platô de diferenças corporais e suas ações e expressões, ao contrário das repetições estabelecidas pelos homens e suas interações expressivas na região dos postos 8/9. Aqui o social atua de outra forma, diretamente contido nos corpos pelas experiências e agenciamentos produzidos à distância, mas que se modificam a efemeridade das interações microterritorializadas ali. Lá, entre os postos 8/9, o social representa a hegemonia de certas formas de expressão das homossexualidades que estão regradas por uma coletividade e um conjunto de práticas estabelecidas no local. Temos, assim, a microterritorialidade homoerótica produzida pela diferença e pelas invisibilidades no parque Garota de Ipanema e a microterritorialidade

produzida pela igualdade e pela visibilidade entre os postos 8/9. São estes dois modelos ideais que estou colocando em debate. É claro que há diferentes maneiras de ver a diferença também na região dos postos 8/9, mas em contraste com o tipo ideal do parque Garota de Ipanema, ele reflete a igualdade dos corpos em interação.

O método do devir-expressivo nas microterritorialidades

Nossa proposta aponta atenção às relações das pessoas e as circunstâncias das experiências em microterritorialidades. As microterritorialidades apresentam “mitos fundadores” nos quais interessam em parte àqueles que estão lá. Tais mitos são compostos em complexas redes de momentos que determinaram as ocorrências de “tipos” de relações sociais em partes do espaço social. Para aquelas produzidas pelos comércios de diversões, as origens remetem as ações de investidores, mas, também, aos processos em que os próprios frequentadores vieram participar e que, muitas vezes, tornam as características dos lugares diferentes daquelas pretendidas pelos próprios investidores. Para as pequenas apropriações sociais no espaço público, vão existir acúmulos de ações de singularidades no tempo que, aos poucos, voltam ao social como conhecimentos sobre o que acontece em tais localidades. Esses conhecimentos sociais circulam e voltam às pessoas como incentivos de frequências nos lugares.

Pois bem, não me interessa aqui entender os “mitos fundadores” das microterritorialidades homoeróticas que estou trabalhando, talvez isso seja assunto para outro trabalho. Para as pessoas que se relacionam em microterritorialidades, os motivos territoriais são os desejos homoeróticos diversos (diferentes para todos os sujeitos que se propõem manter tais experiências), até porque, como vimos, existem *inputs* desejantes de entradas incertos (ideias difusas construídas pelos processos subjetivos dos sujeitos que apontam para determinados desejos), mas que, em choques com os contrapontos territoriais, transformam-se em atos, nos quais os *outputs* de significações poderão ser diversos (algumas imagens ficam na consciência, outras são esquecidas nos confins do inconsciente...). O importante são as construções de devires-expressivos em atos na constituição das relações interpessoais que as microterritorialidades proporcionam, como um conjunto de referências sobre o que se faz. Nenhum “outro” poderá fazer isso como a própria realidade do devir-expressivo e das conexões significativas do sujeito. Os próprios processos de registro dos acontecimentos e das manifestações dos devires-expressivos em atos, já representam um conjunto de significações que vem a consciência, nas quais muitas

outras são recalçadas (processos e ideias que são incompatíveis com um “eu” ou entidade significativa de si para o sujeito). Assim, o próprio sujeito é construtor dos seus *outputs* de significação no futuro do ato (o ato significado como passado, tornado imagem mental que faz sentido à consciência). É isso que poderá ser registrado e que poderá dar consistência significativa para o sujeito. Os registros (em fala e em escrita) já são um segundo momento de apropriação significativa da multiplicidade de acontecimentos estabelecidos nos atos de devires-expressivos: sempre será um conjunto de seleções que se tornam consciência do que se fez. Os que ficam como registros, como imagens mentais, como devires-expressivos posteriores em falas ou em escritas, são os significantes (imagens, formas, paisagens, atos em formas desenhadas pelas consciências dos acontecimentos).

Estamos na situação descrita por Levi-Strauss: o mundo começou a significar antes que se soubesse *o que* ele significava, o significado é dado sem ser por isso conhecido. Sua mulher olhou para você com um ar estranho, e essa manhã o porteiro lhe entregou uma notificação de impostos cruzando os dedos, depois você pisou em um cocô de cachorro, viu na calçada dois pequenos pedaços de madeira dispostos como ponteiros de um relógio, as pessoas sussurraram às suas passagens quando você entrou no escritório. Pouco importa o que isso queira dizer, é sempre o significante. O signo que remete ao signo é atingido por uma estranha impotência, por uma incerteza, mais potente é o significante que constitui a cadeia. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 65, vol. 2)

Saussure (apud Hall, 2016, p. 57) define signo em dois elementos: “a *forma* (verdadeira palavra, imagem, foto, etc.) e havia a *ideia* ou *conceito* na sua cabeça com a qual a forma era associada. Saussure chamou o primeiro elemento de significante, e o segundo – o conceito correspondente que ele desencadeia na sua cabeça – de significado”. Entender “que o que fica” é o significante é dizer que as formas (imagens, fotos, cenas) é o que são consideradas na consciência que, por questões complexas de subjetivação, tornaram a imagem ou registro dos atos. O significado disso remete a um conjunto infinito de relações com outros signos, portanto, novos significantes (ou novas conexões de imagens, formas e registros).

Deleuze e Guattari (2012a) organizam a ideia de significante como rosto, no sentido que os processos de “rostidades” “delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes” (p. 36). Ou seja, “o rosto constrói um muro do qual o significante precisa ricochetear, constitui o muro do significante, o quadro ou a tela” (p. 36). Assim, “o rosto é, ele mesmo, redundância” e “faz ele mesmo redundância com as redundâncias de significância e frequência” (p. 36).

Organizei estas citações para dizer que as rostidades (rostos como imagens, como significantes) neutralizam toda multiplicidade de subjetivações como redundâncias de frequências significâncias, ou seja, os *outputs* de memórias tornadas conscientes nos registros significantes como imagens mentais dos acontecimentos são seleções de conexões de redundâncias significativas. Sempre são signos que remetem a outros signos como formas (significantes) que se acumulam para darem sentidos à consciência dos acontecimentos, nunca os acontecimentos em suas multiplicidades sensíveis. Assim, o “rosto não age individual, é a individuação que resulta na necessidade de que haja rosto” (p. 47). Dessa forma, “o que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar, e em quais casos” (p. 47). Assim, todos os registros dos acontecimentos e da complexidade dos processos em devires-expressivos e reconstituições de subjetividades nas microterritorialidades, resultam em formas como significantes (em rostidades) como eficácia de cifração (pesquisas de significados disponíveis): das conexões intermináveis de signos disponíveis à consciência, algumas determinadas são redundância trazidas das representações sociais, mesmo que reintroduzidas (maleabilizadas) aos atos e à consciência.

É, neste sentido, que o que consegue se aproximar da complexidade de experiências em uma microterritorialidade é o próprio sujeito que viveu ela. O acúmulo de signos (um signo pulando para outro, denotando uma relação de significantes) só pode ser dado pelo próprio sujeito: ele que já opera com redundâncias de significantes. A tradução feita por um pesquisador que pesquisa sobre o que outros sujeitos sentem e como significam a microterritorialidade se torna uma representação mais quebradiça e limitada quanto às multiplicidades e as complexidades das experiências: as rostidades são as que se tornam preponderantes, como redundâncias de significantes compartilhados socialmente, não os processos sensíveis múltiplos. Nossa sugestão é, assim, o “descortinar” do pesquisador como sujeito central da pesquisa. Não são os outros sujeitos que o pesquisador estará estudando, mas ele mesmo em contatos interpessoais com estes sujeitos. Todas as análises devem ser acerca dos “devires-expressivos” produzidos pelo sujeito pesquisador, como resultados dos seus “motivos territoriais” em relação com os “contrapontos territoriais”. Os significantes como rostidades e as possibilidades de agenciamentos produzidos são como registros de consciência, como fragmentos selecionados das multiplicidades de ocorrências provenientes dos devires-expressivos nas relações de microterritorialidade (como “saberes de si” em ato em microterritorialidade). Tais agenciamentos (o que se

aproxima e o que foge das rostidades, como formas, imagens, fotos) representam esses trabalhos de acúmulos de signos que dão consistência significativa à multiplicidade rebelde. Trata-se de, então, registrar o conjunto de agenciamentos em que o pesquisador vivenciou na microterritorialidade, falar de um conjunto de agenciamentos que se processaram: suas limitações ao viver determinadas experiências, uma análise sobre sua corporeidade, os impactos dos devires dos outros ao seu devir-expressivo, as sensações, as emoções, os estranhamentos, etc. Todos estes sentimentos são como imagens dos acontecimentos selecionados pela consciência, funcionam como agenciamentos, que produzem ligações simbólicas com outros aspectos (formas, significantes, imagens) de nossas vidas, como fluxos de segmentos que se ligam com outros sem nenhuma suposta condição relacional e produzem dimensões de novas relações, como um rizoma. Mesmo assim, todo registro como forma (significante) é algo parado, um limite à multiplicidade, assim, temos que observar a limitação de qualquer registro (principalmente de ordem científica).

Como sugestão à busca da multiplicidade, tomemos por conta a ideia de se pensar em devir, além das rostidades como significantes redundantes (imagens, fotos e formas). Para Deleuze e Guattari (2012b) “devir é processo do desejo” (p. 67), assim como “só há sujeito do devir como variável desterritorializada da maioria, e só há termo *médium* do devir como variável desterritorializante de uma minoria”, e o “que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante” (p. 93). Dessa forma, “todo devir é um bloco de coexistência” (p. 94). Devir, então, é um processo de desterritorialização de si mesmo que implica uma coexistência com outras condições. Porém, estas outras condições nunca são condições hegemônicas. Todo devir é um “devir minoritário” (p. 92). Para os autores, a maioria supõe um estado de dominação e, assim, de constâncias produzidas socialmente. O devir reflete este estado de coexistência de coisas e situações minoritárias. Para os autores, as mulheres, as crianças, os vegetais, os animais, os homossexuais, são minoritários por se oporem as hegemônias que produzem constâncias e que atingem representações da construção do “eu”. Os devires são estes estados múltiplos em expressões, provenientes de relações interpessoais nas microterritorialidades, nos quais se encontram em sistemas de coexistências e diferenciações com outros sujeitos, onde os desejos emanam atos de variabilidades expressivas que se afastam de uma tábua-rasa da igualdade majoritária e produzem sintomas que multiplicam as condições de existência dos próprios sujeitos nos seus atos. “Em outras palavras, a ideia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo de se singularizar. Singularidades femininas, poéticas,

homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes” (GUATTARI & ROLNIK, 2007, p. 86).

Por outro lado, nas suas discussões entre molar (linhas duras de normalização – singularidades do majoritário) e molecular (micropolíticas de transformação, de rupturas das normas e da identidade, assim como devires expressivos contrários à norma) podemos entender linhas diversas de subjetivação que vão ligando pontos contrários. Não há condições binárias, mas relações em transformação. Nestas relações em transformação, as polaridades de majoritário e minoritário desaparecem, mas pendem-se a motivos e expressões mais para um ou mais para outro, em diferentes nuances. Então, há possibilidades de se reconfigurar, nas multiplicidades de visibilidade dos devires minoritários, algo que se aponte para o majoritário. Isso poderá voltar com processos de normalização, mas cujas realizações em processos não representam mais o conjunto de enunciados que configuram um “dispositivo” de enunciação majoritária, mas repercutem também em processos de normalização. “Por isso, não basta produzir o padrão, é preciso resguardá-lo, mantê-lo, reconfigurá-lo constantemente, uma vez que se encontra permanentemente “ameaçado” por devires minoritários”. (ANDRADE, 2015, p. 435). Para o autor, podemos representar as condições subalternas no desenvolvimento das capacidades de se gerarem como sujeitos enunciadores (políticas de reconhecimento social, desde as visibilidades cotidianas às políticas no campo do espaço público da arte e das manifestações formais), o que promovem movimentos de desterritorializações de condições binárias dos gêneros, das sexualidades, das racialidades e das relações de classe. Assim,

E, se não há devir majoritário, se não há um devir-homem do homem, é sempre necessário renormalizar, reterritorializar, reestruturar o modelo para reagir às linhas de fuga, aos processos desterritorializantes, ao devir-mulher do homem, ao devir-criança, ao devir-animal... Por isso, não há apenas linhas de poder que dão nós minoritários, há todo um esforço conjunto de manter normalizado o normal. Há sempre formas de educação que visam a normalizar o indivíduo, a transferi-lo sempre a um ponto de subjetivação mais alto, mais conforme, “um poder imanente que se confunde com o ‘real’” (DELEUZE; GUATTARI apud ANDRADE, 2015, p. 444)

É, neste sentido, que a produção da individuação, voltando a uma teoria crítica, também se opera por normalização, nos quais as desterritorializações sociais tidas como “minoritárias”, na obra de Deleuze e Guattari, podem engendram fenômenos de

reterritorialização de condições majoritária em organizações de devires-expressivos – reorganizados, não mais o padrão polarizado – dos sujeitos em relação. Preferi, assim, pensar em como se articulam os devires nos processos de microterritorializações homoeróticas. Em virtude das diversidades de redefinições nos campos simbólicos dos desejos e das sexualidades e nas diversidades cambiantes de gênero, penso que reconfiguram os processos performativos (BUTLER, 2010) que produzem devires-expressivos nunca polarizados, mas cujos modelos de normalização binárias aparecem (mesmo transformados) aqui e acolá, nos corpos dos sujeitos que se apropriam diferenciadamente dos processos de normalização (que já não é uma tábula rasa homogênea e dura, também já se reconfiguram como platôs que emanam linhas que transformam a normalização, ligando pontos molares aos moleculares). Há alguma coisa também de expressão em devires majoritário nas relações homoeróticas multiplicadas nas microterritorialidades na região dos Postos 8/9 e do Parque Garota de Ipanema no Rio de Janeiro. As próprias apresentações dos corpos nos Postos 8/9 (homem masculino, bem torneado de academia, órgão sexuais evidentes nas sungas, posturas másculas, as barbas, etc.), representa a reconfiguração de um devir majoritário em um espaço de relações que se devinha minoritário (das homossexualidades?). Há uma recomposição da normalização? Penso que sim, como estratégia de reconhecimento social das homossexualidades, que implicam uma reconfiguração normativa das condições sociais de gênero (para a polarização). Porém, há reconfigurações expressivas do devir do gênero masculino (supostamente polarizado como majoritário): se estivermos imersos à microterritorialidade dos Postos 8/9, o que há é uma força de expressão de um modelo “material” do corpo (masculino e forte), cujos gestos de expressão e de fala facilmente poderão devir-femininos, principalmente nas relações de grupos de amigos. Isso poderá mudar, reconfigurando um devir-masculino mais normativo quando dois sujeitos homens devêm para ressaltar seus interesses sexuais para ambos (no flerte, por exemplo).

Neste aspecto, um pensar sobre os devires-expressivos constituídos nas microterritorialidades, como sintomas de coexistência e diferenciação entre os sujeitos, mesmo que por fins de pesquisa científica (que sempre é um processo pessoal, intrapessoal e extrapessoal), poderão somar-se as restrições das imagens trazidas à consciência como rostidades e/ou acúmulos de signos como significantes (formas). Podemos produzir estes devires no esforço das narrativas da vivência que estabelecemos, não na perspectiva do outro, mas de nós mesmo, num processo de pensarmos sobre as condições de dominante

como pesquisador e refletir sobre os estímulos subjetivos que tivemos e que emergiram como devires-expressivos – como nos individualizamos e que devires-expressivos mantemos? Um artefato pertinente para adentrar a este mundo de coexistências e diferenciações em devires é o ato de se perguntar “como você se situa em relação às categorizações inconscientes de subjetividade?” (GUATTARI & ROLNIK, 2007, p. 217). A ideia é perguntar se você se situa entre as condições majoritárias garantidas como hegemônicas e como são seus atos de inserção às microterritorialidades: suas mobilizações de desejos movimentam devires-expressivos minoritários (nas mais simples relações interpessoais) ou querem garantir relações majoritárias (reconfigurações normativas)? Todos nós acionamos devires-expressivos (linhas que cruzam relações minoritárias e majoritárias) porque somos partes das multiplicidades de diferenças necessárias aos patamares majoritários (que permitem suas existências concretas e abstratas), assim como críticos cotidianos a tais patamares. O importante é entender como mobilizamos isso e como elas constituem segmentos expressivos nas microterritorialidades que participamos, como a tentativa de ir além do significante e da forma, também das redundâncias de rostidades, mas dos fluxos de multiplicidades.

Narrativas de experiências

Irei procurar demonstrar algumas experiências produzidas nas microterritorializações do Posto 9 e no parque Garota da Ipanema na zona sul do Rio de Janeiro. De acordo com as discussões estabelecidas, irei retratar o momento que veio à consciência, que funciona, como vimos, como “significante”, ou uma imagem do acontecimento que está envolvido e atravessado por processos. Tais “significantes” implicam “rostidade”, ou aquilo que propiciou a tomada de individualização – um contraponto à subjetividade até então –, funcionando como agenciamentos (que estão condicionados por outros fora do momento) ou ligações com outros significantes em um processo de significância que ligam diferentes linhas contraditórias subjetivas de entendimentos e desentendimentos. O agenciamento (que se conecta com outros) gera uma individualização complexa que apresenta processos ou devires-expressivos que configura o movimento perante a “rostidade”. Irei descrever o “significante” (“rostidade”) em primeiro momento e pensar os devires agenciados por este. Para os devires tento explorar a análise entre perspectivas majoritárias e minoritárias. Como argumentei anteriormente, já concebo esta narrativa como uma restrição do acontecimento e sua forma de platô produzida por

multiplicidades (ou forma rizomática). O ato de trazer à consciência e de fazer registro já implica outros agenciamentos além do momento múltiplo, perdendo riqueza e a própria perspectiva da multiplicidade. O que fazer sobre os limitadores em um formato como o ato de explicar (de escrever sobre)? Não há o que fazer, há o que tentar em explorar o que rompe os limites. Penso que isso não fica a cargo de um texto como um artigo científico, mas está mais para as artes e, pelo menos, para um texto poético e/ou literário. Mas é somente um exercício.

Cena 1 – sungas com as bandeiras dos EUA e do Brasil – entre postos 8/9.

A imagem marcada na consciência é de dois jovens abraçados ao pôr-do-sol entre os morros Dois Irmãos, no posto 9 da praia de Ipanema. Para mim, foi uma das imagens mais significativas daquele local: é o cúmulo do significante (rostidade). Não conhecia, nem mesmo tinha visto aqueles jovens na minha caminhada pela praia e nos momentos em que procurava ficar por entre uma multidão de homens quase desnudos e com os corpos esculturais. Aquela imagem foi demais para mim: de repente, em pleno espetáculo do pôr-do-sol, sai da multidão aquele garoto loiro alto, costas largas, cintura delgada e nádegas proeminentes sob a sunga que retratava a bandeira dos EUA. Em poucos minutos, sai outro rapaz da multidão, se deslocando para a borda da água onde as ondas batiam fortes: um rapaz também branco, mas cabelos pretos ao vento, corpo tão lindo quanto ao do outro e com uma sunga retratando a bandeira do Brasil. Tal jovem se aproxima do outro e o pega pela cintura e, num gesto lindo de carinho, o beija nos lábios demoradamente. Observei os detalhes das mãos de ambos percorrendo os corpos esculturais e o Sol entre aquela união linda e excitante. Sentia um conjunto de sensações como devires diversos contraditórios: pensava que os outros poderiam perceber o quanto boquiaberto estava ao olhar aquela cena; desejava a eternidade daquele momento, como um *devir-voyer* incontrolável; imaginava outras possibilidades amorosas entre os rapazes; envergonhava-me a respeito da diferença entre meu corpo e o deles (a diferença de idade e a incapacidade do devir majoritário da juventude e da escultura da masculinidade). A cena confirmava outras descobertas já feitas, a respeito das relações tecidas no lugar: um espaço de turismo de homens gays cisgêneros provenientes de várias partes do mundo e as possibilidades destas relações afetivo-sexuais entre estrangeiros e outros homens brasileiros, principalmente relacionados às atrações relativas ao devir de masculinidade hegemônica (corpos torneados musculosos e jovens). Não sei os rapazes realmente são realidades destas representações, poderiam somente estar usando sungas retratando países diferentes, porém, o ato de representar, por si só, já é muito significativo sobre um conjunto de acontecimentos que persistem em microterritorialidade. Fiquei imaginando também as circunstâncias em que tais rapazes se encontraram e quais eram as diferenças entre corpos tão parecidos: existiriam diferenças de classe entre eles? Há um interesse de homens brasileiros e cariocas para com outros homens turistas de outros países nas praias cariocas, no sentido da possibilidade dos deslocamentos internacionais (seria o caso que ocorreria aí?). Por outro lado, antes daquela cena perturbadora, passei a tarde como um

“estrangeiro” (diferente da maioria que se apropria do espaço) em um lugar de iguais. A sensação de “estrangeiro” é um devir-expressivo perturbador, profundamente minoritário: pensei estar sendo vigiados e imaginei outros me estranhando. Essa sensação ocorria devido um devir-solitário, novamente minoritário, em virtude de entender que, todos que estavam no Posto 9, compartilhavam da companhia numerosa de amigos e de seus namorados, ou companheiros que tinham conhecido no momento. Tal situação bloqueou as possibilidades de me relacionar mais profundamente com outros homens do lugar: qual seria meus atributos que pudessem proporcionar uma atratividade frente à tanta igualdade que exacerbava masculinidade e beleza hegemônica. Lá estava eu, um devir totalmente sulista, bermudas compridas e camiseta frente a tantos homens de sunga. Devir minoritário também, porque estava envolvido de diferença quanto às possibilidades expressivas de meu corpo frente a tanta igualdade. Mas eu tinha que me esforçar: tornei consciente meu devir-pesquisador e tomei coragem em alugar uma cadeira e sentar por entre tantos grupos de amigos (era mesmo um ser não identificável). Foi, então, que comecei a perceber outras sutis diferenças que me deixou um pouco mais relaxado: a suposta igualdade não era absoluta, pois observa outros homens de idades mais avançadas, embora os corpos igualmente belos, e outras racialidades também tendiam a romper a mesmice da junção de corpos iguais. Observava, também, as formas alegres com que aqueles homens se relacionavam, incitando muitos gestos que quebravam a forma polarizada da masculinidade exacerbada e tendiam a transformações quanto a performances de gênero múltiplas, que mesclavam graus de afeminamento com corpos masculinizados. Incrível como os contrapontos territoriais podem transformar nossos devires: com aquelas observações, senti que poderia expressar um pouco mais minha masculinidade que pudesse ser atrativa aos contatos: tirei a camiseta para exibir meu peito com cabelos fartos e me repositonei na cadeira exercitando uma maior masculinidade – mistos de devirem majoritários de masculinidade em um corpo cujo devir era quase que totalmente minoritário. Passei um tempo longo neste jogo de devires até que um rapaz me percebeu: foi de uma felicidade incrível poder ser observado e talvez conseguir alguma comunicação entre um espaço em que todos estavam se comunicando. O rapaz, finalmente, se aproxima e começamos a conversar. Tal rapaz não era, também, do Rio de Janeiro, assim como alegou observar e sentir muitas das coisas que pensei ao estar sozinho: por esta aproximação de singularidades, consegui verbalizar minhas sensações. Talvez ele tenha percebido a conversa como chata, mas se manteve comigo, pois a maioria das comunicações que foram compartilhadas representavam sentimentos mútuos de dois estrangeiros diferentes ao lugar de certa igualdade (um conjunto de experiências nos atraía). Depois de um tempo de conversas que se tornaram animadas e interessantes para ambos, ele voltou aos seus amigos e às vezes continuava a me observar. Muitos agenciamentos me tomaram naquele momento, principalmente o entendimento que o rapaz poderia estar interessando em mim (como rostidade, embora nem soube exatamente das suas reais intenções), mas, principalmente, a rostidade de minha situação amorosa que promovia um agenciamento de desconforto e disciplinar sobre as relações de poderiam se construir ali: interessante como tais agenciamentos extrapessoais e extraterritoriais agem nos momentos das comunicações localizadas. Decidi, então, deixar a minha cadeira e sair de um espaço que me sufocava em uma multiplicidade de

sensações e imagens (significantes) que me atraíam e outras, cujos muitos agenciamentos indecifráveis, me distanciavam. Decidi caminhar pela praia até o alto Leblon. Me perguntava se somente lá estavam aqueles homens orientados sexualmente para o mesmo sexo: não! Lá percebia uma maior concentração, aliás, uma grande concentração, mas outros grupos de espalhavam ao longo de toda a praia. Voltei do alto Leblon com o Sol já baixo e decidi sentar novamente nas proximidades do posto 9. O Sol se punha e a areia ficava dourada, com as ondas “estourando” fortes na areia, o ambiente era de extrema beleza e excitação. Até que ocorre a imagem dos dois rapazes e suas sungas referenciando a bandeira de dois países.

Cena 2 – paqueras nas periferias dos postos 8/9

É difícil estar em certos espaços perto da microterritorialização de homens cisgênero do posto 9, principalmente se você não está protegido por um grupo de amigo e se, solitário, não apresenta os atributos corporais partilhados no lugar, que causam interesse afetivo-sexual. Pegar uma cadeira de praia, se localizar bem no centro da concentração de grupos de amigos, é um ato de coragem. Já nas periferias mais distanciadas do núcleo relacional as oportunidades melhoraram. A diferenciação dos sujeitos vai aumentando para a periferia, assim como pude perceber pessoas que estão mais solitárias lá. Estar sozinho no posto 9 significa localizar-se nas periferias, fora da concentração dos grupos de amigos de homens gays. Pude perceber lá, também, casais heterossexuais. Assumi um devir solitário e não compatível com os padrões estéticos daqueles homens da localização central. Senti-me melhor na periferia e poderia até me sentir mais relaxado para confiar no meu corpo e exercer um devir mais majoritário, minha branquitude e um “corpo não tão mal como me parecia” (conversava comigo mesmo ao me olhar...). E foi, assim, que comecei a me integrar mais, encontrando possibilidades de comunicações amigáveis com desconhecidos, mas somente conversas rápidas sobre amenidades... Estar na periferia também não significa ficar todo o tempo ali, significa circular por entre e nas bordas dos núcleos de reuniões. Foi, então, que percebi o conjunto de paqueras de homens sozinhos para com outros homens sozinhos na periferia (a busca pela companhia). Em um momento fiquei sentado nas bordas das pedras da passarela, entre a faixa de areia e o asfalto, perto de um equipamento de ginástica público. Um grupo de 5 rapazes estavam fazendo exercícios no espaço, todos mulatos. Observei um homem muito branco e de mais idade observando os rapazes. Representei o homem ter entre 45 e 50 anos, mas com o corpo bem esbelto: estava sem camisa e calção curto. Os rapazes poderiam ter perto dos 30 anos de idade. O homem fitava tais rapazes e muitos deles fingiam que não percebiam. Comecei ficar preocupado com meu devir de investigador, mesmo assim, a situação também me excitava e me mantinha a observar: o que iria acontecer? Poderia ter um tipo de relação ali? Os jovens negros esbeltos exibiam-se e provocavam o homem mais velho com suas performances nos aparelhos de ginástica. Fiquei por um bom tempo ali, observando... Depois de muitos dos outros jovens saírem, ao terminarem seus exercícios, um jovem permaneceu como que representando estar descansando e, ora, alongando-se. Foi a oportunidade do outro homem que estava fitando-os sair de seu assento e estabelecer um contato com

tal jovem. O jovem sorriu e aceitou o convite de conversa. Ambos, sem camisa, exerciam seus gestos masculinizados como formas de atratividade entre eles: cena excitante de observar. O jovem, por vezes, tocava discretamente nos seus genitais e os sorrisos eram mútuos. Fiquei a observar por mais uns 15 a 20 minutos, até que, em comunicações de gestos de concordância, pareceu que o homem branco convenceu o jovem a se deslocar para outro local. Atravessam a avenida e adentram as ruas entre os prédios do bairro Ipanema: para onde foram? Observando a cena perguntava-me sobre as condições diferenciadas daquelas pessoas, em termos de classe, de racialidades e de posturas quanto aos gêneros. O jovem negro demonstrava mais masculinidade em seu devir expressivo para com outro homem, quase como uma forma bruta. O outro balançava a cabeça e se posicionava de formas mais delicada tornando seu devir-expressivo o cuidado para convencer o jovem para outros fins. Delicadeza para conquista da condição bruta: diferença de devires daqueles sujeitos.

Cena 3 – o quadro belo de natureza e o devir-animal – Parque Garota de Ipanema

O quadro significante da consciência é estar no topo do morro do parque Garota de Ipanema, observando de longe a beleza da paisagem da Pedra do Arpoador e praia de Ipanema, tendo em volta aquela mata densa. A sensação é de vivenciar uma linha-de-fuga, uma desterritorialização do ambiente agitado dessa região (altamente urbanizado) e um devir passado ancestral de uma época em que aquele lugar não era urbanizado, habitado de pessoas nativas que viviam em contato com a natureza. A sensação é de relaxamento e contato com a tranquilidade, mas de saber que poderia andar mais um pouco e me aproveitar de todas as outras possibilidades de atividades de um lugar cheio de serviços e contatos humanos. Mas, foi somente um devir de ida à natureza (também minoritário, porque toda natureza, como ida a uma condição polarizada ideal, é minoritária, ver Latour (1994)). Isso porque tal linha de sensações e emoções entrou em contrastes com um agir estressante anterior: adentrar ao parque. O adentrar se pareceu como um conjunto de sensações de intensa desterritorialização de muitos dos agenciamentos das condições diversas de minha subjetividade. Sabia o que buscava no parque: as possibilidades de contato sexual homoerótico, porque sabia que aquele fragmento de natureza, e seus conjuntos de esconderijos (recantos e cantos por entre as matas), possibilitariam isso e que teriam pessoas cujas individualidades e devires se encontrariam com o meu, nesta busca e nas sensações inesperadas de produção de desejos e de reconstruções de sexualidades. No entanto, os agenciamentos se cruzavam como complicadores e divergências ao se entregar à aventura: agenciamento de compromissos amorosos (muito fortes nesta situação), agenciamentos de perigo (medo sobre os possíveis roubos e assaltos que poderiam acontecer no local), agenciamento de crime (quem seria eu, circulando naquele espaço, visto por um policial?), agenciamentos de saúde (poderia ali ser picado por um mosquito transmissor da Denge? – esse confesso que foi o mais engraçado sobre meus conjuntos de ignorâncias no espaço...). Essas intensidades tomaram-me conta ao desbravar os cantos de natureza do espaço, pelos quais circulavam também outros homens. Mas havia um motor de excitação, nos quais minhas pernas e corpo produziam uma forte energia para subir e descer

aclives e declives íngremes. O corpo se esforçava, o suor se produzia como intenso e a respiração era ofegante. O que vem na consciência é um devir-animal, às vezes como um caçador à procura do algo que poderia saciar seu desejo de fome (sexual), às vezes como uma caça atingida por estes conjuntos de rostidades (agenciamentos), que disciplinavam o conjunto dos meus atos. De fato, o lugar é essa excelência deste devir-animal, relacionado ao sexo, ao desejo carnal, a uma desterritorialização sobre muitas coisas que conduzem à sexualidade disciplinada. Talvez as relações interpessoais que envolvem o sexo entre homens reconstituem outras formas mínimas de disciplina, no sentido das suas predisposições ao desejo que se pratica, mas muitas coisas sociais ficam para traz: é um devir-animal e um devir-natureza. Este devir abre-se a diferentes sensações e a diferentes corpos nos quais o desejo se aplica. Corpos pobres, corpos velhos, corpos jovens, corpos brancos, corpos negros, corpos burgueses, corpos de devires feminino e corpos de devires masculinos. Embora não se tenha o apinhamento do posto 9, as diferenças ficam evidentes e isso possibilita um interessante jogo entre majoritário e minoritário no devir do sujeito presente: diferentes jogos desejantes entre dominação e subalternidade. Foram estas as sensações que me causaram: poder ser diferente produzia este jogo nos gestos, olhares e performances de meu corpo: observava isso também no corpo dos outros sujeitos. Este encontro de contrapontos territoriais estimula diferente devires e posiciona de forma múltipla os sujeitos naqueles contatos sexuais. Mas as formas de controle ficaram: o controle que impediu o prolongamento do contato afetivo sexual – sou pesquisador e também tenho um compromisso amoroso –, o que é outro contraste ao lugar: o lugar é uma linha de fuga a muita coisa que é disciplinar.

Cena 4 – rapaz se masturbando e o devir-*voyer* – Parque Garota de Ipanema

Cansado de um devir-animal intenso, um tanto caça e um tanto caçador, por entre os arbustos e caminhos de subidas e descidas, resolvi sentar estrategicamente em um banco da praça, pelo qual poderia observar uma das entradas principais que subiam o morro cercado de matas. Percebi a incidência de muitos moradores de rua que também adentravam os caminhos. Um rapaz suspeito me olhava também e senti um receio – nossas representações sobre as formas das roupas e a característica estética das pessoas geram devires desconfiados como vítimas de uma possível violação. O rapaz começou a conversar e me falava de sua condição financeira frágil, precisando de dinheiro para voltar para seu bairro. Depois de algum tempo, somente concordando à sua conversa, saquei uns “trocados” e dei a ele. Mas, ele inspirava sentido contraditório, como medo de um possível assalto, mas também uma atração pela relativa beleza e masculinidade. O rapaz percebeu meus sentimentos indecisos e depois da pequena quantia em dinheiro perguntou o que realmente eu queria naquele lugar, insinuando que seria possível, com ele, qualquer outra relação (sexual). Naquele momento, em virtude os diferentes agenciamentos que me impediam de qualquer ato de contato sexual efetivo, além de saber que qualquer abertura minha, naquele momento, geraria uma maior intensidade sexual do rapaz, em vistas de maiores rendimentos, cortei o assunto e sai do lugar em direção ao calçadão da pedra do Arpoador, onde circulava maior número de

pessoas. Porém, precisava de maior experiência, como um vício *voyer* (para próprio deleite e para explorar mais um conhecimento etnográfico do lugar). Já era final de tarde e, saindo das proximidades da pedra do Arpoador, observei por alguns instantes os rapazes que faziam exercícios de musculação, em uma academia ao ar livre que existe perto do lugar. Sai dali e me dirigi novamente aquele banco que era estratégico. Em algum tempo observando a entrada e saída de homens ao lugar, percebi um rapaz que estava na academia subir o morro. A beleza do rapaz e suas expressões de corpo cujas roupas (tênis, bermudas e camisetas regatas que marcavam o corpo esbelto) me estimularam uma ação sem qualquer agenciamento contrário – levantar-me do banco e segui-lo de forma discreta. Não foi discreta porque o rapaz percebeu. Ao perceber adentrou a mata por volta da metade da subida do morro. Parei no lugar onde ele adentrou, encostei-me a mureta do caminho e fingi que estava a fazer nada, mas a observá-lo. Ele percebeu minha discrição e fez sinal para eu adentrar também, baixou a bermuda e mostrou seu órgão sexual. Acenei negativamente. Meus agenciamentos disciplinares atingiram seu máximo. Consegui conter a excitação. O rapaz continuou a exhibir-se e começou a se masturbar acariciando o lindo corpo. Assumi de forma consciente um devir *voyer* e de plena observação para saber até onde aquela situação iria. Conscientemente, a excitação foi substituída por uma experiência de diversão. Não estava na mesma conexão do rapaz, totalmente excitado e se masturbando. Achei a situação engraçada e assumi um devir cênico para fingir que estava realmente interessado. O rapaz masturbou-se e alcançou o orgasmo. Em um segundo logo após o gozo, vestiu-se, saiu da mata, sem sequer me olhar, e assumiu uma personalidade como se ninguém existisse em sua volta e não pertencesse àquele lugar – possivelmente negava a sua existência efêmera ali. Percebi este ato de ignorar-me ao sair – de ignorar seus próprios atos e sua estada no lugar. Para tornar mais cômica a situação, falei em voz mais alta – “muito obrigado pela oportunidade”. Ele me olhou com muito estranhamento – uma expressão muito séria -, baixou a cabeça e saiu correndo, como se estivesse fazendo uma corrida, tomando o rumo do calçadão de Ipanema. Qual o significante, para mim, dessa transformação repentina nas expressões daquele rapaz? É um fluxo de devires de condições contrárias, cujos espaços permitem isso. O gozo se tornou um limite de ruptura entre o querer da aproximação e o querer do afastamento para com meu significante desejante. Como um fluxo de condições e devires diferenciados - depois do gozo ele se tornou aquele rapaz supostamente heterossexual que estava somente praticando exercício naquela localidade – ele seguiu o fluxo de sua vida comum definido por agenciamentos sociais outros. No momento rápido da microterritorialidade ele também configurou com um devir animal, do sexo rápido, sem nenhum impedimento de construção social sobre o desejo, em que eu era somente uma oportunidade disponível que o despertou alguma possibilidade de prazer. O prazer dele foi sentir-se visto na sua beleza: prazer sobre ele mesmo refletido no meu olhar – que também reafirmou sua condição hegemônica perante mim. No jogo de olhares, conscientemente, pontuei também um devir hegemônico, como um desdém à aproximação – na verdade estava sendo disciplinado por um devir repressivo do agenciamento sobre minha condição amorosa, conscientizada como freio ao fluxo de ações. No entanto, prazeres se constituíram de forma inesperada – o prazer de ser visto e desejado na teatralidade de meu rosto para o rapaz e o prazer sobre a experiência da

ocorrência para mim (um devir cômico). Após o ocorrido, cansado de um longo tempo de devires-animais exercidos, voltei ao descanso da minha condição hegemônica burguesa no conforto da minha residência nas proximidades.

Conclusão

O território é um contexto de produção de consciência. Permite um conjunto de experiências que conduzem nossos devires-expressivos. O território é expressão. É a relação imbricada do nosso corpo e uma circunstância (produzida por nosso corpo; condicionante ao nosso corpo). É uma multiplicidade de produções de subjetividades organizadas pelas circunstâncias objetivas (materialidades, corpos e elementos incorpóreos – condições/representações/identidades/rostidades sociais). O território é microterritorialidade por sua condição cotidiana e da multiplicidade de circunstâncias em que se envolve nosso corpo (experiências múltiplas e devires múltiplos como “saberes de si” – consciências). A pesquisa em microterritorialidade está além de uma relação fora da consciência – algo que posso identificar como fora de mim, sendo dos outros. A pesquisa em microterritorialidade é um “saber de si” (consciência) nas relações entre circunstâncias do meu corpo e seus devires-expressivos. São, então, relacionados aos estudos sobre este “saber de si” e suas experiências em circunstâncias. Há de se pensar mais metodologicamente sobre isso.

As narrativas expostas no texto implicam pensar as pessoas e a produção das suas singularidades. São inúmeras estas produções a cada experiência que se tece em uma única microterritorialidade e assim, podemos as entender como platôs de desterritorializações daquilo que se supunha como objeto de igualdade de uma suposta identidade que se atribui a todos que estão se relacionando nela. As pessoas chegam e se relacionam em microterritorialidade, mas elas nunca são iguais em cada momento de participam, porque o contato com diferença sempre se colocará como produtor de novos devires pelos quais as pessoas novamente se produzem como nova diferença (de si mesma) em um fluxo rizomático múltiplo. As microterritorialidades servirão, então, como platôs de encontros, desterritorializações das supostas igualdades/identidades e construções de devires de diferenças sobre o “si”. Destes platôs variadas linhas rizomáticas partem e chegam e elas representam as intimidades de cada um que se coloca em relação com outros.

Teci somente 4 narrativas que procuram exemplificar estas produções das diferenças de “si mesmos” no encontro com “outros” em microterritorialidades. Existem

os problemas das descrições das constituições dos devires e pude, até então, demonstrar as “cenas” que ficaram como experiências conturbadas (produção do devir como diferença de “si mesmo”) vividas, como “rostidades” ou aquilo que ficou como partes estanques (rostos) das criações dos devires. Teria que avançar nas construções das demonstrações das constituições destes devires como fluxos rizomáticos sempre instáveis, mas a ideia de destacar as cenas que se produziram como consciências das experiências poderá ser aqui um desenvolvimento do resultado da proposta metodológica. Em cada narrativa existem variadas partes quebradiças que poderiam ser aprofundadas, mais e mais... Entre estas quebras estão os fluxos de devires que poderiam ser complexificados para tornarem mais complexas as relações entre as narrativas e as experiências fluidas. Mas não é o caso de se fazer isso aqui em virtude do espaço de escrita restrito. Por outro lado, espero que estes experimentos tenham contribuído para entender a ideia de microterritorialidades como produtoras das diferenças das pessoas como singularidades. Saliento que as relações das discussões teóricas com as práticas de pesquisas podem conter falhas e equívocos, mas estou aqui para debater e evoluir nestas discussões.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Luiz Felipe. Pressuposição e dispositivo de normalização no discurso heterossexual masculino. In: BAALBAKI, Angela; CARDOSO, Janaína; ARANTES, Poliana; BERNARDO, Sandra. (Orgs.). **Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações (8)**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COSTA, B. P. da. Práticas espaciais de “pegação” homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente-SP e Vitória da Conquista-BA. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Vol. 5, n. 1. UEPG: Ponta Grossa-PR, 2014.

COSTA, B. P. da. Microterritorializações e microterritorialidades urbanas. **Revista Terr@ Plural**. Vol. 11, n. 1. UEPG: Ponta Grossa-PR, 2017.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. Ano 10. Florianópolis: primeiro semestre, 2002.

DELEUZE; G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE; G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE; G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, S. **Cultura e Representação.** Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HONNETH, A. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Editora 34, 2003.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.